

# Diário do Alentejo

Ano LXIII nº 680 (II Série) . De 5 a 11 de Maio de 1995

Jornal regionalista independente  
Director: António Alexandre Raposo

Sai às sextas-feiras . Preço: 130\$00 (IVA incluído)

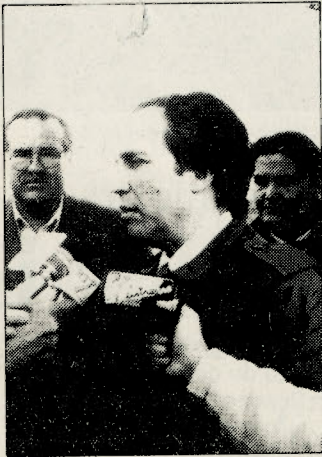
Parlamento debate seca

## Medidas governamentais «tardias e insuficientes»

O debate de urgência sobre a situação de seca no Alentejo, estendido a outras regiões do País afectadas pelas geadas, realizado na passada quarta-feira na Assembleia da República, por iniciativa do PCP, suscitou a apresentação de três projectos de resolução e uma discussão morna sobre o tema, realçando as críticas ao atraso e escassez de medidas por parte do governo, que anunciou um pacote de 30 milhões de contos de apoios, contudo dependentes da aprovação comunitária. E todos os partidos foram unânimes em felicitar a iniciativa dos comunistas.

«Felicito o PCP por obrigar o governo a anunciar aqui na Assembleia da República um conjunto de medidas para combater a seca no Alentejo e no País, porque se não fosse agendado o debate de urgência não o faria», disse Capoulas dos Santos, deputado do PS, eleito pelo círculo de Évora, na sessão parlamentar de quarta-feira última, revelando a posição unânime de todos os partidos em face da iniciativa comunista.

Luís Capoulas, secretário de Estado dos Mercados Agrícolas e da Qualidade Alimentar, que participou no debate em representação do Ministro da Agricultura, em visita «internacional» no Algarve, aproveitou a ocasião para anunciar um pacote de medidas contidas num programa de emergência, com uma dotação global de 30 milhões de contos, que ainda carece de aprovação comunitária.



Carlos Carvalho esteve em Beja a ouvir autarcas e agricultores

Lino de Carvalho, deputado comunista que introduziu o debate, considerou que «a declaração de calamidade pública era o mecanismo adequado para garantir o apoio da Comunidade às medidas necessárias e urgentes para combate à seca». Esta iniciativa é reivindicada pelas autarquias e associações de agricultores do Alentejo.

Aquele conjunto de medidas e as já anunciadas pelo governo foram consideradas, tanto pelo PCP como pelo PS, como «tardias e insuficientes», tendo estes dois partidos apresentado projectos de resolução sobre a matéria, contemplando acções de urgência e de longo prazo.

Os dois projectos comunistas propõem a «adopção da declaração da situação de calamidade pública nas zonas do Alentejo mais afectadas pela seca», preconizando um conjunto de medidas de apoio às

autarquias para garantir o abastecimento público e a concretização de um «programa de emergência para apoio aos agricultores vítimas da seca e das geadas». A iniciativa socialista surge na sequência da do PCP adiantando, basicamente, a necessidade de constituição de um Gabinete de Emergência para a Seca e Geadas/95.

Para as autarquias, o PCP propõe apoios financeiros «imediatos» adequados «à dimensão dos encargos excepcionais que têm de suportar», a alteração das normas do decreto-lei nº 55/95, a coordenação eficaz da gestão da bacia hidrográfica do Guadiana e o levantamento urgente dos recursos hídricos subterrâneos existentes no Alentejo. Preconiza ainda a «cobertura alargada com entrada imediata em vigor dos programas de emprego de modo a abrangerem a totalidade dos trabalhadores desempregados em resultado da seca».

O programa de emergência para a agricultura contempla moratórias sem juros para dívidas de campanhas considerando perdões para «agricultores em situação de solvência», concessão de subsídios a fundo perdido, suspensão do pagamento do IRS e IRC referente ao presente ano fiscal, alteração e reestruturação do seguro agrícola e «acções destinadas a impedir o aviltamento dos preços à produção e o aumento descontrolado dos preços das rações», entre outras medidas.

VII Congresso sobre o Alentejo

## Pensar o futuro

É já no próximo dia 12 que o VII Congresso sobre o Alentejo vai ter início, com a sessão de abertura marcada para as 18h30m nas instalações da Universidade de Évora.

Durante três dias o Alentejo está mais uma vez em debate. Este congresso se bem que não deixe de basear-se em comunicações, propostas e conclusões anteriores, pretende virar-se essencialmente para o futuro. O lema escolhido, para isso aponta: «O Alentejo no limiar do século XXI, a diáspora alentejana e os cenários do futuro».

Sobre o tema já chegaram ao secretariado 104 comunicações que vão ser distribuídas pelos cinco painéis programados, onde os debates vão realizar-se consoante a especificidade dos assuntos.

Para além dos trabalhos do congresso, um vasto programa cultural vai animar a cidade. Exposições, espectáculos, desfiles de bandas musicais e ranchos corais, concursos de jornalismo e de actividades juvenis, tasquinhas das regiões de turismo, acompanham o decorrer da iniciativa num sugestivo conjunto de actividades relacionadas com a região.

O congresso, com o alto patrocínio do Presidente da República, tem a sessão de encerramento marcada para as 14 horas do dia 14, no Teatro Garcia de Resende, onde para além da entrega de prémios e

### VII CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO



O Alentejo no limiar do Séc. XXI - A diáspora alentejana e os cenários de futuro

semeando novos rumos

leitura das conclusões, será prestada homenagem ao professor Galopim de Carvalho e feita uma evocação ao maestro Fernando Lopes-Graça. A seguir, no Jardim das Canas, espaço fronteiro ao teatro, Vitorino, Janita Salomé e o grupo Lua Extravagante exibem o seu repertório de música e cantares regionais.

Os cerca de 600 congressistas inscritos e a população vão ter três dias de autêntico fervor regional.

### Alentejo de viva voz

Entretanto, na passada terça-feira, decorreu um debate na Câmara de Évora a que foi dado um título sugestivo: «O Alentejo de Viva Voz». Presentes personalidades conhecidas ligadas à história, à cultura, à arte, ao ensino: Borges Coelho, Galopim de Carva-

lho, Cláudio Torres, João Cutileiro, Jorge Araújo, António Covas, Abílio Fernandes, presidente da autarquia, em representação do secretariado do Congresso sobre o Alentejo, foi o anfitrião, e Mário Zambujal, jornalista alentejano muito conhecido de programas televisivos, moderou o debate.

Coube a Abílio Fernandes dar o mote: por todo o lado estamos assistindo a uma certa perda de identidade, mas o Alentejo, ao contrário, com muita naturalidade, faz questão de preservar a sua identidade cultural. Pegando na «deixa», João Cutileiro avançou: será possível desenvolver esta região sem se perder esta identidade cultural?

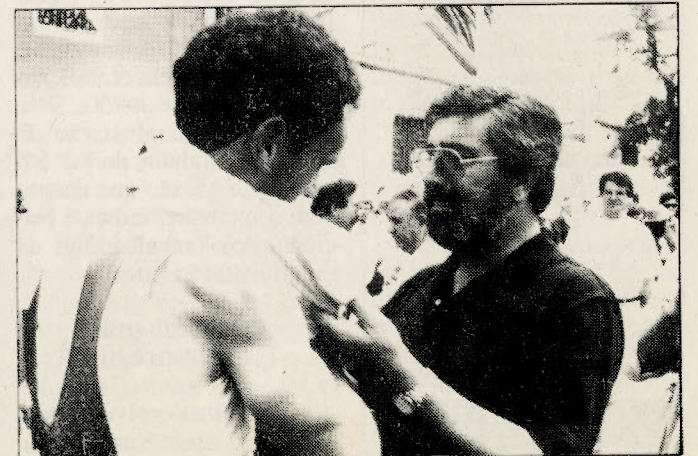
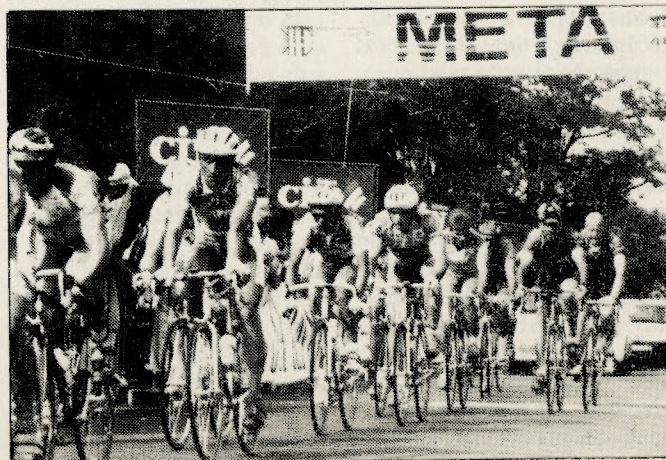
«Desenvolver sem perder a identidade, é sobre este mote que a Universidade hoje reflecte e está constantemente a pensar em responder a este desafio que é pôr uma universidade criada há 400 anos ao serviço deste desenvolvimento», frisou por seu turno Jorge Araújo, reitor da UE.

Borges Coelho disse que o Alentejo tem muito a ver com a independência de Portugal. A sua participação nesta matéria foi fundamental na Idade Média, foi fundamental em 1640. Em seu entender devemos pensar o passado para daí tirar lições para o futuro. O presente é o presente da falta de água, é o presente da falta de desenvolvimento mas, na perspectiva do historiador, o Alentejo não é uma região condenada ao subdesenvolvimento.

XIII Volta ao Alentejo

## Russos e espanhóis conquistam planície

O russo Asiate Saitov, da equipa espanhola Artiach, era o camisola amarela da XIII Volta ao Alentejo em Bicicleta, no final da 3ª etapa, que terminou em Moura. A prova acaba no domingo, em Évora, depois de uma incursão, hoje, por Espanha. António Diaz, da Castellblanc, comandava o Prémio da Montanha, e Peter Petrov levava a camisola rosa das metas-volantes. A Sicasal/Acril liderava por equipas. **Suplemento desportivo**





# Diário do Alentejo

Ano LXIII nº 681 (II Série) . De 12 a 18 de Maio de 1995

Jornal regionalista independente  
Director: António Alexandre Raposo

Sai às sextas-feiras . Preço: 130\$00 (IVA incluído)

## VII CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO semeando novos rumos



Nicola Di Nunzio

Presidente da República na abertura, hoje em Évora

## Três dias à procura dos caminhos do futuro

O Presidente da República assiste esta tarde, a partir das 18 e 30 horas, na Universidade de Évora, à sessão de abertura do VII Congresso sobre o Alentejo. Durante três dias, cerca de 600 participantes vão debater os grandes problemas da região, estando previstas mais de 100 comunicações subordinadas ao tema geral «O Alentejo no limiar do século XXI - a diáspora alentejana e os cenários de futuro» e divididas por cinco

painéis que abarcam a identidade cultural, o mundo rural, a indústria, o urbanismo e a educação. Acompanha as sessões do Congresso um vasto programa de actividades culturais e recreativas, que incluem um encontro de jovens, um espectáculo de teatro pelo Cendrev, desfile de bandas de música e grupos corais. Estão previstas também uma homenagem a Galopim de Carvalho e uma evocação do maestro Lopes-Graça. p. 12/13

## Eleições legislativas

### José Soeiro encabeça lista da CDU por Beja

José Soeiro, membro da Comissão Política do Partido Comunista Português, será o primeiro candidato da Coligação Democrática Unitária (CDU) pelo círculo eleitoral do distrito de Beja, nas próximas eleições legislativas, previstas para Outubro.

A CDU apresentou na passada quarta-feira o seu cabeça de lista por Beja, anunciando ao mesmo tempo que o mandatário distrital será José Jorge Munhoz Frade, médico no hospital local e presidente da Assembleia Municipal.

A apresentação do cabeça de lista da CDU por Beja decorreu no restaurante «Os Infantes», na presença de jornalistas e de diversos dirigentes e quadros do PCP e da coligação. Na altura, José Soeiro definiu como grande objectivo nacional para as próximas eleições «derrotar a direita e afastar o PSD do governo», bem como «a condenação da política de direita que sucessivos governos da responsabilidade do PS, CDS e PSD, sozinhos ou coligados, têm vindo a praticar no decorrer dos últimos 19 anos e de que resulta a gravíssima situação que vivemos hoje no País e muito em particular no distrito de Beja e em todo o Alentejo».



## Cultura e desporto nas Festas da Cidade p. 15

FESTAS DA CIDADE **95**  
MAIO

**BEJA** ALENTEJO *uma paixão*

CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA

BEJA 95 • BEJA 95 • BEJA 95 • BEJA 95 • BEJA 95 • BEJA 95



VII Congresso sobre o Alentejo começa hoje em Évora

# Três dias à procura de caminhos para o futuro

Pintura de Manuel Lima



## Editorial

### Cenários do futuro

O VII Congresso sobre o Alentejo tem hoje, dia 12, a sua sessão inaugural. Os promotores que há dez anos lançaram a iniciativa, prevêem que esta edição ultrapasse em número de participantes e comunicações as edições anteriores.

Este facto contraria as opiniões vindas a lume em alguma comunicação social de que o Congresso tem os dias contados e que este será como que o canto do cisne.

Os adversários do Congresso, com argumentos falaciosos que nunca tiveram confirmação, continuam a acusá-lo de partidarismo. Não pensam, contudo, assim os muitos participantes, comunicantes e apoiantes que, desde a primeira hora, têm dado ao conclave uma contribuição importante. São alentejanos e amigos do Alentejo, oriundos das mais diversas áreas da política, da ciência, da técnica e da cultura que deixaram testemunhos valiosos sobre os problemas que afectam a região e apontaram caminhos para a sua solução.

Quem esteve presente em anteriores edições ou quem teve oportunidade de consultar os documentos delas emanados pode verificar que sempre os congressos estiveram virados para a cons-

trução de um futuro melhor.

Nestes últimos dez anos muito mais se teria feito se as opiniões correctas que o Congresso produziu tivessem tido aplicabilidade. Só agora parece ter-se compreendido que o aspecto mais discutido é essencial para o desenvolvimento da região. Trata-se, como é óbvio, da questão da água que até mereceu a convocação de um congresso extraordinário (Beja - 1992).

Este VII Congresso vai continuar na mesma linha, não sem se debruçar sobre o passado recente. A par da repetida exigência da regionalização e de outras medidas há muito reclamadas, o lema aprovado aponta para as questões que a entrada no século XXI nos vai trazer. Cenários do futuro vão ser tratados por quem tem esta preocupação.

Desejamos os melhores êxitos a esta iniciativa. Estamos certos que será mais uma importante contribuição para o desenvolvimento do Alentejo.

E não nos ficará mal realçar o significado de, pela primeira vez, participar pessoalmente o Presidente da República.

É sinal de que este espaço de debate é positivo e atingiu um estatuto de maioridade indesmentível. ■

António Alexandre Raposo

Quando forem 18 e 30 horas de hoje, têm início em Évora os trabalhos do VII Congresso sobre o Alentejo. Durante três dias, vão estar em discussão no auditório da Universidade local as questões que hoje se colocam à região: a demografia, a regionalização, a identidade cultural, o Alqueva, o desenvolvimento agrícola, o ambiente e recursos hídricos, as indústrias agro-alimentares, as cidades alentejanas, a formação profissional, o emprego. Até à hora de encerramento desta edição, estavam inscritos 570 participantes e tinham sido recebidas no secretariado do Congresso 110 comunicações.

Dado o elevado número de intervenções previstas, foram criados cinco painéis: no painel um vai discutir-se a demografia da região, a regionalização e a identidade cultural alentejana; no painel dois estará em discussão o Alqueva, o desenvolvimento agrícola, o ambiente e os recursos hídricos; o painel três tratará das questões ligadas à indústria e à agro-indústria; o painel quatro discutirá tudo o que tenha a ver com as cidades alentejanas; e o painel cinco abordará a problemática da educação, da formação e do emprego.

De referir que os painéis um e dois foram os que congregaram o maior número de comunicações e, por esse motivo, tiveram de ser desdobrados. Isto é, cada painel terá dois espaços a funcionar em simultâneo. Daí resulta que, em vez de cinco, vai haver sete espaços a funcionar ao mesmo tempo, o que vai criar alguma complicação para quem tenha de optar pelo tema ou temas que mais lhe interessam.

Hoje, sexta-feira, para além da sessão de abertura, está prevista a inauguração de três exposições na Universidade: Alentejo - Tesouro Escondido de Portugal, da responsabilidade da Região de Turismo de Évora; Margem Esquerda do Guadiana - Um Património a Preservar, organizada pelo Centro de Estudos da Avifauna Ibérica; e Fotografias do Alentejo, que tem a assinatura da Câmara Municipal de Évora.

Cerca das 21 horas, está prevista uma visita ao Fórum Jovem a funcionar na Praça do Giraldo e que inclui trabalhos de artes plásticas, escultura, textos e fotografias produzidos por jovens. Nesse espaço vai decorrer a actuação de gru-

pos de teatro juvenis, bandas de música e desportos radicais.

Pelas 21 e 30 horas, no Teatro Garcia de Resende será representada a peça «Eu Feuerbach», de Tankred Dorst, pela Companhia do Centro Dramático de Évora, com encenação de Fernando Mora Ramos.

Amanhã, dia 13, pelas 10 horas, haverá fogo de artifício e desfile de bandas de música pelas ruas da cidade. A essa hora começarão a funcionar os diversos painéis na Universidade, funcionamento esse que, após um intervalo para almoço entre as 13 e as 15 horas, se prolongará até às 19 horas.

No dia 14, no auditório da Universidade, entre as 10 e as 12 horas, decorrerá um único painel subordinado ao tema «A Demografia da Região. A Regionalização». Haverá comunicações sobre o tema, seguidas de debate.

#### Galopim de Carvalho e Lopes-Graça

A sessão de encerramento está marcada para as 14 horas no Teatro Garcia de Resende, com a leitura das conclusões, a entrega de prémios, a homenagem ao professor Galopim de Carvalho e a evocação do maestro Fernando Lopes-Graça, recentemente falecido.

Galopim de Carvalho é natural de Évora, aqui viveu a sua infância. Hoje é um cientista com trabalho feito na área da geologia. Já publicou, pelo menos, três livros: *O Cheiro da Madeira*, *A Batalha de Querenque* e *O Preço da Borrega*. Tornou-se conhecido do grande público como «o homem dos dinossauros»; sobretudo a partir de uma exposição realizada em Lisboa há alguns anos. E a verdade é que o cientista eborense tem dedicado um longo trabalho de pesquisa a partir dos vestígios que existem desses animais.

Fernando Lopes-Graça, compositor, crítico, pianista, regente de coros populares, autor de uma obra importante na área da música erudita, nasceu em Tomar. A sua ligação ao Alentejo tem a ver com a recolha que aqui fez de música popular, em colaboração com Michel Giacometti.

A manhã de domingo ficará ainda marcada pelo desfile etnográfico pelas ruas de Évora em que participarão 30 grupos corais, cinco grupos musicais e 10 ranchos folclóricos. Para além da Grande Lisboa, participarão neste desfile todos os distritos do Alentejo, incluindo Portalegre e os concelhos do Litoral.

A partir de hoje e até ao próximo domingo, cerca de 600 pessoas vão estar em Évora à procura dos caminhos do futuro para o Alentejo. ■

Luís Rocha



Nicola Di Nunzio



## Ao serviço do Alentejo

Está quase a fazer dez anos que se realizou o primeiro Congresso sobre o Alentejo. Foi nos dias 25, 26 e 27 de Outubro de 1985 e, tal como o de agora, decorreu na Universidade de Évora.

Um documento então distribuído refere o Alentejo como uma região deprimida que «viu a sua população diminuir rapidamente, em especial na década de 60, período em que passou de 9 por cento para 7 por cento da população total do Continente, perdendo mais de 190 000 habitantes, ou seja, mais de um quarto da população alentejana de 1960». A emigração dos anos 60 e o envelhecimento da população explicam esta redução que se traduz numa baixa densidade populacional (20 habitantes por km<sup>2</sup> no Alentejo, contra 105 de média nacional), sublinha ainda o documento.

Três grandes temas desse primeiro congresso: o homem e o seu desenvolvimento social e cultural; recursos, ciência e técnica; economia e desenvolvimento. Nas salas da velha Universidade desenvolveram-se debates de excelente nível e por vezes bastante animados sobre a Reforma Agrária, o aproveitamento de Alqueva, o complexo de Sines, as Pirites Alentejanas, o futuro do cobre de Neves Corvo, a regionalização. Falou-se ainda de desertificação, da recuperação da capacidade biofísica das zonas degradadas, da consolidação das dunas, da fauna, do ensino e investigação na agricultura, da gestão das bacias hidrográficas.

Na síntese dos trabalhos do congresso foram sublinhados como projectos a desenvolver: a iniciativa empresarial; o turismo; os transportes por caminho-de-ferro e outros; a exploração da riqueza alentejana e o projecto metalúrgico do cobre; o novo porto da região industrial de Sines; o empreendimento de Alqueva

e do rio Guadiana. Foi também sublinhada «a indispensabilidade da Reforma Agrária (...) privilegiando a organização das UCP's/Cooperativas como forma avançada de integração da força de trabalho proletário e sem terra e das pequenas e médias empresas (campesinato), sem esquecer o constitucional enquadramento previsto de sistemas como os das empresas capitalistas desenvolvidas» (Livro do Congresso, III volume, pág. 1731).

### Os congressos de Beja e Elvas

Dois anos depois, nos dias 15, 16 e 17 de Maio de 87, decorrida em Beja, na Casa da Cultura, o II Congresso sobre o Alentejo. Os temas em discussão foram diversificados: recursos humanos; emigração; plano de saúde para o Alentejo; actividades secundárias, terciárias e grandes projectos; património histórico-cultural; desporto e tempos livres; sistema educativo.

A regionalização foi, contudo, o grande tema em debate neste II Congresso. Aí foi dito que «a regionalização não é apenas uma profunda aspiração: constitui também um imperativo político, económico, social e cultural». E foi dito ainda que a regionalização é fundamental para «ultrapassar o atraso e a marginalização a que tem sido votado o Alentejo»; para «impedir a desertificação e alcançar o desenvolvimento homogénio»; para «melhorar as condições de vida das populações alentejanas e aumentar o seu nível de participação nas decisões que lhe respeitam»; para «viabilizar o retorno às suas terras dos alentejanos dedicados a outras regiões».

Daí que uma das conclusões deste congresso fosse no sentido de se fazer avançar o processo da regionalização com a maior urgência.

A cidade fronteiriça de Elvas acolheu o III Congresso sobre o Alentejo que ali se realizou nos dias 5, 6 e 7 de Outubro de 1989. Dois grandes temas dominaram os trabalhos do congresso: o desenvolvimento e a integração europeia; e sociedade, cultura e património. A discussão dos temas foi distribuída por seis mesas, cada uma delas instalada num edifício diferente: no Centro Artístico Elvense, na Sociedade Recreativa 1.º de Dezembro, na Sociedade de Instrução e Recreio, no Cine-Teatro, na Banda 14 de Janeiro e na Biblioteca Municipal.

No decorrer dos trabalhos do congresso foi lançado um movimento para o desenvolvimento do Alentejo que fortalecesse a intervenção intermunicipal e tivesse junto do poder central uma intervenção diária e permanente em defesa de toda a região.

Uma das preocupações então manifestadas teve a ver com a aplicação dos princípios do Acto Único Europeu, sobretudo no que refere à capacidade de atracção económica nas nações mais ricas e das regiões mais desfavorecidas de que, no entender dos congressistas, «resultará inevitavelmente o avolumar de desequilíbrios regionais».

Foi sublinhada a necessidade de se criarem federações de municípios, dotadas de ampla autonomia e que cooperassem entre si tendo em vista a criação de uma entidade regional.

Um desfile de cerca de 60 grupos corais e ranchos folclóricos pelas ruas de Elvas constituiu um espectáculo que envolveu toda a cidade.

Sines foi a cidade onde nos dias 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 1991 decorreu o IV Congresso que apresentava em epígrafe a frase: «Uma década para recuperar o atraso». Os grandes temas em debate foram: a recuperação do atraso socio-económico; as ciências do mar, pesca e agricultura; o

turismo, ambiente, indústria; a agricultura, agro-indústria e pecuária; a regionalização; e a história, cultura e sociedade.

Neste congresso e, principalmente, na sessão que precedeu o encerramento, o grande debate foi em torno da regionalização.

Uma das propostas surgidas do congresso foi a criação de um movimento de opinião (e isto dando seguimento à ideia que já vinha do Congresso de Elvas) para o desenvolvimento do Alentejo e foi dirigido um apelo «a todos os congressistas e a todos os alentejanos para que lhe deem a força necessária através da sua adesão para que o movimento dê continuidade no dia-a-dia aos debates e decisões dos Congressos, para que dê força à consciência regional que neles se tem vindo a afirmar, e para que exprima a força, a diversidade e unidade de um Alentejo multipolar que hoje e aqui constrói o seu futuro» (Diário do Alentejo, de 28 de Junho de 1991, pág. 6).

Depois do V Congresso (extraordinário, em Beja, sobre os problemas da água), o VI Congresso realizou-se em Portalegre, nos dias 28, 29 e 30 de Maio de 1993 e teve como tema principal o desenvolvimento transfronteiriço, tendo mesmo sido defendida a «planificação integrada do território para superar desajustamentos existentes na cooperação transfronteiriça».

De tudo o que foi dito fica claro: o Congresso do Alentejo, nas suas diversas edições, tem constituído um fórum onde se têm discutido problemas da região e se têm apresentado propostas para a sua solução. O que acontece é que os alentejanos passam a vida a pregar no deserto. Ninguém os ouve. E daí que, passados dez anos, o Alentejo continue a ser uma região deprimida, como foi salientado no Congresso realizado em Évora, em 1985. ■

Luís Rocha

## Programa

### 12 DE MAIO

17.00 horas - Recepção dos congressistas. Entrega de documentação. 18.30 horas - Sessão de Abertura. Inauguração das exposições. 21.00 horas - Visita ao Fórum Jovem. 21.30 horas - Espectáculo no Teatro Garcia de Resende «Eu Feuerbach» de Tankred Dorst, pela Companhia do Centro Dramático de Évora. Encenação de Fernando Mora Ramos.

### 13 DE MAIO

#### NA UNIVERSIDADE

Painel 1 - A Demografia da Região. Regionalização (Auditório). Painel 1 - A Identidade Cultural Alentejana - Sala C (Auditório). Painel 2 - Alqueva e o Desenvolvimento Agrícola do Alentejo - Sala 121. Painel 2 - Ambiente, Recursos Hídricos - Sala 119. Painel 3 - A Indústria e a Agro-Indústria - Sala 106. Painel 4 - As Cidades Alentejanas - Sala 107. Painel 5 - Educação, Formação e Emprego - Sala 115.

10.00 - 11.30 horas - Comunicações. Debates. 11.30 horas - Pausa para café. 11.45 - 13.00 horas - Comunicações. Debates. 15.00 - 17.00 horas - Comunicações. Debates. 17.00 horas - Pausa para café. 17.15 - 19.00 horas - Comunicações. Debates.

#### OUTRAS ACTIVIDADES

10.00 horas - Fogo de artifício. Desfile de Bandas de Música pelas ruas da cidade.

### 14 DE MAIO

#### NA UNIVERSIDADE

Painel 1 - A Demografia da Região. A Regionalização (Auditório). 10.00 - 12.00 horas - Comunicações. Debates finais.

#### NO TEATRO GARCIA DE RESENDE

14.00 horas - Sessão de encerramento. - Entrega de prémios - Leitura das conclusões - Homenagem ao professor Galopim de Carvalho - Evocação do Maestro Lopes-Graça.

#### NO JARDIM DAS CANAS

15.00 horas - Espectáculo musical. Intervenção final do Secretariado do Congresso.

#### OUTRAS ACTIVIDADES

10.00 horas - Desfile de grupos corais alentejanos pelas ruas da cidade. 12.00 horas - Tasquinhas das Região de Turismo, no Jardim das Canas.

### EXPOSIÇÕES

#### NA UNIVERSIDADE

. Alentejo - Tesouro Escondido de Portugal  
Organização: Região de Turismo de Évora  
. Margem Esquerda do Guadiana - Um Património a Preservar

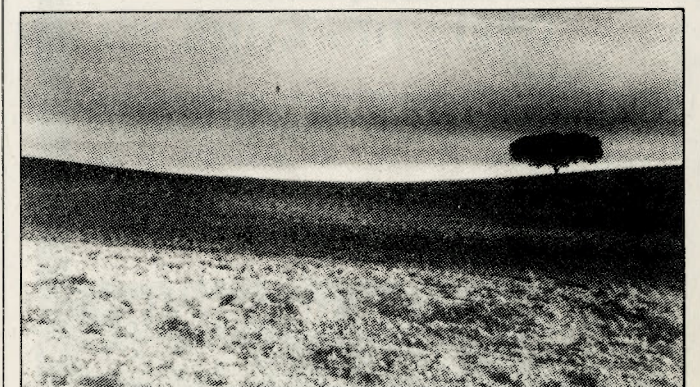
Organização: Centro de Estudos da Avifauna Ibérica

. Fotografias do Alentejo

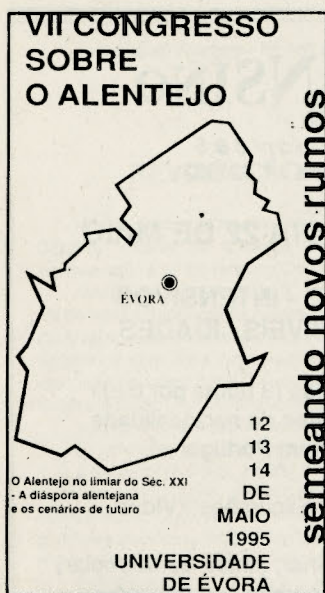
Organização: Câmara Municipal de Évora

#### NA PRAÇA DO GIRALDO

. Fórum Jovem.







O VII Congresso sobre o Alentejo, realizado em Évora no fim-de-semana passado, contou com a participação de cerca de 800 pessoas, o que constitui um recorde relativamente a congressos anteriores. Pela primeira vez esteve presente o Presidente da República, que disse o que pensava sobre esta grande região e sobre a crise que aqui de vive: a seca, o desemprego, a desertificação. Mais de uma centena de comunicações abordaram problemas importantes como a demografia, a identidade cultural, o desenvolvimento agrícola, o ambiente, os recursos hídricos, a agro-indústria, as cidades alentejanas, a educação, a formação, o emprego. Falou-se também de Alqueva e da regionalização. Bandas de música e grupos corais desfilarão pelas ruas da cidade. Foi prestada homenagem ao professor Galopim de Carvalho e evocou-se a memória do maestro Fernando Lopes-Graça. A encerrar os trabalhos, um espectáculo no Jardim das Canas, em frente ao Teatro Garcia de Resende, com a participação de Vitorino, um cantor do Redondo que leva o nome do Alentejo por onde quer que ande.



Pela primeira vez, o Presidente da República esteve num Congresso sobre o Alentejo

Fotos de António Carrapato

## O Alentejo no limiar do século XXI

Foram três dias em que as principais questões que hoje se colocam à região estiveram em discussão. Houve intervenções pessimistas relativamente ao presente e ao futuro. O professor Paulo Estadão, da Universidade de Évora (e sublinhe-se que, contrariamente ao que aconteceu em congressos anteriores, neste congresso a Universidade de Évora participou em força) começou por referir a década que separa o I do VII Congresso sobre o Alentejo. «Ao longo deste período, frisou, muitos foram os acontecimentos que marcaram o ritmo e o compasso com que fomos construindo o futuro: o mundo mudou, o País mudou. E o Alentejo? Que mudança? Que futuro? Traçámos então (no I Congresso) uma estratégia de desenvolvimento para a região. Diagnosticamo-lhe os males, prescrevemo-lhe algumas das mais importantes medidas que, em nossa opinião, deveriam ser adoptadas e implementadas. O discurso político interiorizou-as. A prática política ignorou-as. O percurso desejável deu lugar a um percurso lento, disléxico, alheado das necessidades e aspirações das nossas comunidades. Em vez de caminharmos para o cenário sustentado que então defendemos para o ano 2 000, aproximamo-nos perigosamente de um cenário de dependência e miséria económica e (o que é mais grave) cultural. Dez anos passados, as estratégias que defendemos em 1985 permanecem, no essencial, válidas. Só que passaram dez anos», concluiu Paulo Estadão.

Numa região essencial-

mente agrícola, era suposto que os congressistas se iriam debruçar sobre o uso e posse da terra. António Batista Candeias lembrou as palavras do grande chefe índio Seattle ao grande chefe americano: a terra não é dos homens, os homens é que são da terra. O orador referiu que no Alentejo «tudo se encaminha, cada vez mais, para a concentração da propriedade numa minoria, onde um por cento das explorações compreende 80 por cento da superfície, o correspondente a um milhão e meio de hectares, enquanto 99 por cento possuem 370 000 hectares, com 20 por cento da área agrícola cultivável». Daí que personalidades como o Bispo de Beja já voltem a falar da necessidade de uma nova Reforma Agrária, frisou o congressista.

### Reforma Agrária e a questão da água

Também Alberto Matos se referiu a esta questão dizendo que «há vinte anos arrancava a Reforma Agrária, processo transformador que criou dezenas de milhares de postos de trabalho e, por um curto período de dois anos, conseguiu inverter a quebra demográfica no Alentejo. Mas sobreveio a destruição meticulosa, obra de sucessivos governos com políticas ao serviço da constituição do latifúndio. O resultado foi o abandono das terras, a sua venda e revenda a especuladores fundiários, muitos deles estrangeiros». No entender do congressista, «o balanço deste período ainda está por fazer. No entanto, a

situação é de tal modo negra que a necessidade de uma nova Reforma Agrária é sustentada não apenas por partidos de esquerda, como por sectores de hierarquia católica».

O plano de rega do Alentejo com base no aproveitamento das disponibilidades hídricas de rio Guadiana foi outro dos temas do Congresso que teve um número elevado de participantes. Faria Ferreira, um dos congressistas que se referiu a esta questão, disse que já em 1955 havia sido constituído um grupo de trabalho multidisciplinar da Direcção Geral dos Recursos Hídricos «cuja tarefa era procurar soluções técnicas para que fosse demonstrada, ou não, a possibilidade de se dispor de água na planície alentejana com suficiente garantia de permanência para todos os fins, mas com relevância especial para regadios e abastecimentos urbanos». Faria Ferreira fez parte dessa equipa. Isto para dizer que os estudos que haviam de conduzir a Alqueva remontam a meados da década de Cinquenta. O autor falou de um plano de rega para o Alentejo que numa primeira fase incluía as albufeiras do Roxo, do Caia e do Mira e, numa segunda fase, as albufeiras do Alto Sado, Fonte Serne, Odívelas, Alvito, Monte Novo, Vigia e Lucifécit. Estavam ainda programadas para execução imediata, na primeira metade dos anos 80, as albufeiras dos Minutos e do Enxoé. No total eram cerca de 30 barragens que estavam programadas. A partir de 1981, verificou-se uma paragem na execução deste programa e, desde en-

tão, ficou tudo adiado, incluindo as infra-estruturas já então construídas no local da barragem de Alqueva.

Relativamente à questão do caudal do Guadiana estar a ser retido pelos espanhóis, o congressista afirmou que há neste momento grupos de técnicos luso-espanhóis a estudar o assunto com vista à celebração de novos convénios e que, em breve, será possível alcançar um pré-acordo, tanto mais que a Espanha deseja satisfazer as carências actuais e futuras da região costeira entre Huelva e Cadiz e que só poderá fazer a partir de águas regularizadas no Guadiana nacional. Essa regularização só poderá ser conseguida pela albufeira de Alqueva, frisou.

### Regionalização é indispensável

Também a regionalização constituiu tema de debate. Já quase no fim dos trabalhos, Luís Sá, dirigente do PCP, interveio sobre esta matéria. Em seu entender, «o poder tem de ser partilhado, tem que ser controlado, tem que ser participado e a alternativa a isto é algo muito semelhante à ditadura».

O problema para Luís Sá não é saber tanto quem é que vai ter a maioria aqui ou ali: o problema é ter consciência que é o próprio povo que tem que tomar, em cada região, o destino nas suas mãos e escolher quem bem entender. «Na medida em que existem estruturas regionais eleitas, sublinhou, há capacidade de mobilização para o desenvolvimento, há capacidade de

captação de fundos comunitários, há capacidade de gerir localmente, regionalmente, fundos comunitários que, actualmente, são geridos de forma desadequada com participação insuficiente das populações».

Nós temos de partir do princípio, frisou, que as regiões, onde existem na Comunidade Europeia, são «lobbies», são grupos de pressão, têm estruturas de pressão instaladas na Comunidade Europeia, conseguem dinheiro e programas especiais. Quem não faz isto está a ser prejudicado».

Nesta altura ainda não é certo se o Continente irá ser dividido em cinco se em sete regiões. Luís Sá defende que «o modelo que está a ser implementado surdamente por parte do governo é o das cinco regiões. Peguem no mapa da Europa, editado pela Comunidade Europeia. Aparecem lá cinco regiões no Continente. Peguem numa publicação em três volumes, editada pela Comissão Europeia, chamada Regiões da Europa, com excelente fotografia e com dados estatísticos sobre as diferentes regiões da Europa. Aparecem cinco regiões do Continente, incluindo o Alentejo. Portanto, a regionalização existe para tudo, menos para uma coisa: para dar o direito ao povo do Alentejo de eleger aqueles que entende», concluiu Luís Sá.

O VII Congresso debateu os problemas do Alentejo no limiar do século XXI. Foi um grande espaço de debate, aberto, democrático e participado. É aguardar pelos resultados. ■

Luís Rocha



Presidente da República na sessão de abertura:

# «Alqueva só tem sentido se tiver efectivamente água»

O Presidente da República participou em Évora na sessão de abertura do VII Congresso sobre o Alentejo, que decorreu no auditório da Universidade local, na passada sexta-feira. Ao discursar perante um auditório literalmente cheio, Mário Soares fez questão de sublinhar que não havia tido nenhuma hesitação em aceitar o convite que lhe havia sido feito para estar presente na sessão por lhe parecer que «é importante estimular a reflexão sobre as questões de uma região tão importante como é o Alentejo, uma região que, no entender de todos, tem sido tão sacrificada e que, ultimamente, está a sofrer de dois imensos flagelos: a seca e o desemprego».

Daí que entendesse estar presente «como manifestação de solidariedade activa em relação a esta região e àqueles que aqui residem, naturalmente os alentejanos, mas também de solidariedade para com aqueles que, reunindo-se em congresso, querem discutir os problemas da região e querem encontrar as melhores formas para os resolver».

O Alentejo, na perspectiva de Mário Soares, «tem sido desde tempos recuados - talvez desde a ocupação do território, da maneira como essa ocupação foi feita - uma terra de extremos, em que há grandes fortunas, mas em que há grandes manchas de pobreza endémica. E todos sabemos que, quando há essa dualidade num determinado território, seja ele qual for, há conflitos sociais e os conflitos sociais têm explicado muito da história recente do Alentejo».

A esses problemas juntaram-se mais dois que, sublinhou o PR, são bastante graves: as alterações climáticas a que temos assistido nos últimos anos e que poderão ter uma duração muito maior do que aquilo que nós podemos imaginar. «Para além dessa situação climática, nós temos assistido a uma grande seca, a vários anos de seca. E,



Mário Soares ouvido atentamente por Jorge Araújo, reitor da UE, e Carrelra Marques, presidente da Câmara de Beja

para além da seca, temos assistido a um problema que sempre se pôs no Alentejo mas que agora é um problema muito mais vivo e mais agudo, que é a escassez da água. E, já que o congresso está voltado para o século XXI, talvez seja um problema que vá dominar o próximo século», frisou.

Apesar de o Alentejo ter sempre alguma falta de água, o PR disse não se lembrar de «ter visto este grande rio do Sul, que é o rio Guadiana, tão seco, tão transformado num pequeno ribeiro como agora. Ainda por cima, um ribeiro de águas que vêm inquinadas de Espanha». E isso tem a ver o problema gravíssimo que é o problema da falta de água do rio Guadiana, que, disse, perdeu cerca de 60 por cento do seu caudal normal. E Mário Soares percorreu todo este caminho para chegar aonde queria: a Alqueva. E, chegado a este ponto, foi directo ao assunto: «Alqueva só tem sentido, disse, se tiver, efectivamente, água. E se essa água vai ser aproveitada. O caudal do Guadiana é muito reduzido e não só é muito reduzido como a água faz mal porque há descargas de produtos tóxicos e produtos industriais».

«Issopõe-nos, portanto, um problema, sublinhou o Presidente da República: é preciso que nós não vejamos Alqueva como uma bandeira para mobilizar pessoas, como uma falsa solução, mas como um pro-

blema complexo que obriga a estudos, negociações, para que daí resulte algo de útil e transformador realmente para o Alentejo».

## Um Alentejo produtivo é o objectivo

Antes do Presidente da República, havia falado Jorge Araújo, reitor da Universidade de Évora, que começou logo por dizer que «basta de queixumes sobre o esquecimento e a marginalização a que fomos votados pelo poder central. É tempo, disse, de unir os nossos esforços para construir o Alentejo do século XXI. E é tempo também de reconhecermos que esse esquecimento a que aparentemente nos votaram encerra, em si, um aspecto muito positivo e do qual podemos tirar proveito: com efeito, foi graças ao facto de não termos sido bafejados pelo chamado desenvolvimento, tal como geralmente se entende, que o Alentejo conseguiu chegar até hoje com um ambiente relativamente preservado, com um património cultural conservado e com uma qualidade de vida invejável. É essa a nossa riqueza actual e é a partir daí que temos de trabalhar».

Jorge Araújo frisaria contudo que «não nos basta ter ar limpo para respirar, nem belas paisagens para alguns de nós se deliciarem. Recusamos liminarmente o cenário do

Alentejo partilhado entre as coutadas de caça, os campos de golfe ou as quintinhas de recreio para repouso de cidadãos em «stress». Queremos um Alentejo produtivo».

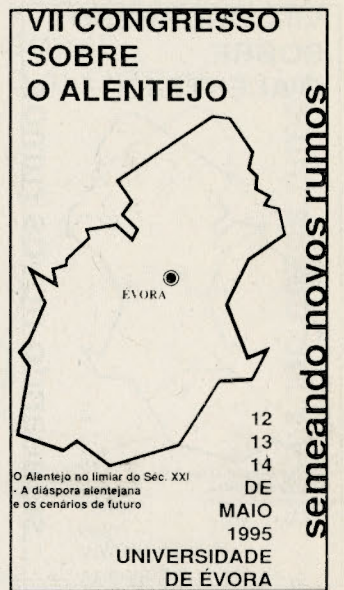
João Transmontano, presidente da Câmara de Portalegre, eleito nas listas do PSD, veio a Évora passar o testemunho porque o último congresso - o VI - se realizou na sua cidade. E aproveitou para dizer que «rejeitamos o destino que alguns traçam para nós de sermos condenados sem remédio à desertificação, à velhice e ao empobrecimento. Somos capazes - e estamos aqui a afirmá-lo - de minimizar aquilo que nos distingue ou nos individualiza nas distintas sensibilidades que enriquecem este Alentejo imenso, somos capazes de valorizar o que de fundamental nos une e tanto é e tão significativo».

O autarca portalegrense frisou ainda que «desde sempre lutamos - e isso faz parte do património das gentes alentejanas - desde sempre lutamos pela própria sobrevivência». Contudo, diria mais adiante, hoje «temos direitos que importa que sejam reconhecidos, temos potencialidades que urge sejam exploradas, temos um futuro certo. Temos direito ao apoio que permita anular diferenças, reduzir assimetrias, suprir atrasos, compensar antigas discriminações. Temos capacidade e nada nos distingue dos ou-

tros. E não viveremos eternamente na expectativa de promessas sempre adiadas», frisaria ainda João Transmontano.

## Plano integrado de desenvolvimento

Por seu turno, Abílio Fernandes, presidente da Câmara de Évora, disse que em 1985, quando se organizou o I Congresso em Évora, se acreditava que o Alentejo poderia ultrapassar os seus problemas - o despovoamento, a falta de empregos, a não satisfação de necessidades básicas, sucessivos anos de seca - se as suas potencialidades fossem devidamente exploradas. Mas, a despeito das inúmeras sugestões desde então avançadas, «o Alentejo continua a sofrer adversidades, pagando um preço elevado pela sua interioridade e sofrendo uma marginalização progressiva que o coloca na cauda da Europa». «De tal modo é grave a situação a que o Alentejo foi conduzido, frisou o autarca, que inúmeras organizações e entidades dos meios políticos, empresariais, técnicos e científicos, civis e religiosos clamam hoje em uníssono uma operação integrada de desenvolvimento que tenha em conta as suas especificidades regionais e potencie o seu desenvolvimento». ■



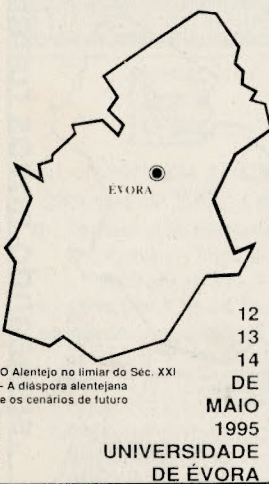
## A velocidade da mudança

«O que mudou no limiar do século XXI?», perguntou Maria Gabriela Silva, assistente do departamento de Gestão da UE, e prosseguiu: «Mudou a velocidade da mudança. Mudança que exige flexibilidade, que, actuando como força centrífuga, pode gerar desintegração. Desintegração no ser humano, na família, nas regiões, nos países, no universo».

Reflectindo sobre o papel do educador/formador como elemento de integração, a docente da UE sublinhou que «os agentes tradicionais de formação são os pais, na família, os professores, na escola e a empresa, no mundo do trabalho. E, tradicionalmente, a pessoa sempre foi vista como objecto, como algo a moldar, e para isso se criaram mecanismos de regulação e controlo externo. Esqueçemo-nos que essa matéria-prima sai fora do nosso controlo, porque tem vida, pensa, e não se acomoda à sua condição de objecto. Ela quer assumir o seu papel de sujeito, de protagonista da própria mudança».

Por sua vez, frisou Maria Gabriela Silva, «os laços que unem a pessoa e nessas instituições - a família, a escola, a empresa - são cada vez mais ténues. A família patriarcal desapareceu, a família nuclear está em vias de extinção. Já existem escolas virtuais, que não ocupam espaço físico. O mundo do trabalho mudou e um emprego para toda a vida e a tempo inteiro vai ser coisa do passado. Também os laços que nos ligam à nossa terra, à nossa região, ao nosso país enfraquecem. A fronteira não é mais o que separa, mas o que une. O mundo é cada vez mais pequenino. A globalização é uma realidade. A homogeneização de padrões e valores culturais uma sua consequência. E o tangível, o real dá lugar ao intangível, ao virtual. As autoestradas da informação aí estão a comprová-lo». ■



**VII CONGRESSO  
SOBRE  
O ALENTEJO**

**«O Alentejo  
está na moda»**

«O Alentejo está na moda», disse Maria das Mercês Covas, professora auxiliar do departamento de Sociologia da Universidade de Évora. E continuou: «Nos últimos tempos observamos uma procura crescente desta região como fonte de lazer. Assistimos à aquisição de casas desabitadas e à recuperação de montes desactivados por parte de uma «nova elite» que não teve, necessariamente, as suas origens no Alentejo. Este comportamento, revelador da emergência de novos valores e de novas formas de cultura, ao expandir-se e aliado ao desenvolvimento de actividades turísticas, também emergentes nesta região, pode desencadear mecanismos que configurem novos tipos de povoamento do Alentejo, capazes de contrariar a sua desertificação. O lazer e o turismo afiguram-se, a curto e a médio prazo, como elementos potencialmente dinamizadores na criação de novos empregos e de novas ocupações».

Na perspectiva da docente universitária, «o fim do modelo urbano-industrial, o aumento do desemprego nos grandes centros e o cansaço e o stress da vida urbana aparecem como sintomas de encerramento de um ciclo e anunciam o aparecimento de um novo ciclo «eco-rural» ao qual podemos associar novas manifestações culturais, onde predominam os valores ligados ao ordenamento do território e à conservação da natureza, a ideologia dos produtos de origem e naturais, a nostalgia, a compensação, o contraste».

# Exigido na Proclamação do VII Congresso sobre o Alentejo

## Plano Integrado de Desenvolvimento

O VII Congresso Sobre o Alentejo realizado nas instalações da Universidade de Évora, nos dias 12, 13 e 14 de Maio de 1995, que teve o alto patrocínio e a presença de S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República, contou com 800 congressistas que apresentaram uma centena de comunicações e contribuíram para os trabalhos dos cinco painéis, emprestando empenhadamente o seu saber e rigor.

O Congresso analisou várias assimetrias, constatou a situação de profunda crise, inventariou enormes potencialidades de desenvolvimento e proclamou:

1 - O reconhecimento de uma identidade cultural própria e muito forte conduz à necessidade de um processo dinâmico de desenvolvimento, com ampla participação dos cidadãos, por forma a caracterizá-lo com as especificidades que são próprias das gentes alentejanas.

2 - A indispensabilidade de conjugar os factores económicos e os sociais em ordem a conceder à componente cultural uma dimensão adequada para a concretização de uma estratégia de desenvolvi-



Carreira Marques lendo a proclamação do VII Congresso

to integrado.

3 - A afirmação da absoluta necessidade de uma reserva estratégica de água reclama a urgente aceleração das obras do projecto de Alqueva, implementando o Plano de Rega do Alentejo, alargando a sua influência à margem esquerda do Guadiana e ao Alentejo central.

4 - A profunda crise económica e social numa região onde a componente agrícola tem um peso dominante na sua estrutura económica e social determina a necessidade de definição de uma política de reestruturação da posse e uso da terra que terá de ter presente o Plano de Rega do Alentejo.

5 - A definição de uma

nova filosofia industrial como fonte de modernidade e de desenvolvimento regional assente numa flexibilidade contida em princípios conformes com a região, que passe pela consideração e apoio à fixação de unidades agro-alimentares, indústrias extractivas, projectos aeronáuticos e de telecomunicações que se afirmam como

alternativas e base económica progressivamente poderosa.

6 - O reforço das cidades médias alentejanas como forte contributo para a fixação de populações, de centros de saber e de afirmação regional, em cooperação entre si e num quadro de valorização das relações transfronteiriças.

7 - A eleição do turismo como componente importante do desenvolvimento regional, particularmente ligada à profunda tradição da ligação do homem à terra, à existência de um espaço culturalmente rico e à diversidade de recursos e produtos genuínos.

8 - A elaboração de um Plano Integrado de Desenvolvimento do Alentejo que contemple e promova as suas potencialidades e especificidades regionais.

9 - A criação das regiões administrativas como chave para a mobilização de meios e vontades e a concretização do imperativo constitucional, assegurando a transferência de poderes da administração central para a região e reforçando o papel insubstituível do Poder Local.

**O VII Congresso sobre o Alentejo ■**

## Minhotos e africanos a cantar alentejano

A diáspora alentejana e os cenários de futuro foi o tema escolhido para este VII Congresso sobre o Alentejo que decorreu em Évora no último fim-de-semana. Coube a Camilo Mortágua, da Associação Terras Dentro, desenvolver algumas ideias sobre esta questão. Do que disse o congressista aqui de dá notícia.

Para Camilo Mortágua há várias diásporas. «Há a diáspora de segunda a sexta. A diáspora dos homens que saem do Alentejo à segunda e voltam à sexta-feira à noite e que vão até Setúbal, até Lisboa, até ao Algarve, deixando cá os filhos e a família. Há a diáspora ou as diásporas sazonais para a Suíça, para França, para o Luxemburgo, dois, três meses mas que ainda mantêm cá as famílias. Há a diáspora grande, a maior de todas, para a área metropolitana de Lisboa ou Setúbal, mas também para o Algarve e para outros centros, estaleiros e obras do País inteiro. Há a diáspora com residência permanente para outros países da hoje União Europeia. Há as diásporas transcontinentais das américas, das áfrias, da Austrália e um pouco por toda a parte do planeta».

Para o congressista, há e houve muitas diásporas para o



O abraço de Abílio Fernandes a Galopim de Carvalho, na homenagem prestada pelo Congresso ao cientista eborense

povo alentejano e em cada uma delas se encontram muitas mais estruturas por afinidades e interesses: o interesse da terra da origem, a condição socio-profissional, as cadeias informais de amizade e solidariedade. «Estes motivos, frisou Mortágua, quase sempre dão origem a autênticos clãs dentro das diásporas onde os alentejanos se misturam facilmente aos naturais de outras regiões de Portugal, assumindo em comum a defesa dos valores portugueses, mas reivindicando e afirmando orgu-

lhosamente e sempre a sua origem alentejana».

Na opinião do orador, quer os alentejanos das mais antigas diásporas, quer os das diásporas mais recentes «continuam, em muitos casos, a ter do Alentejo uma imagem de pobreza, de miséria sem alternativa». Ora, o que temos de fazer é «dizer aos alentejanos espalhados pelo mundo e aos que vivem aqui tão perto, à beira-Tejo, aquilo que os alemães, holandeses e outros povos da União Europeia já descobriram há muito tempo:

que o Alentejo é uma região onde dá gosto viver.

### De Lisboa e Setúbal ao Canadá e EUA

Também Vítor Paquete, da Casa do Alentejo, referiu alguns dados sobre esta questão da diáspora alentejana. Disse que na área metropolitana de Lisboa vivem cerca de 300 mil alentejanos num espaço que vai de Palmela a Vila Franca de Xira e a Sintra. «Desses 300 mil existem 28 núcleos de alentejanos organizados em pequenas colectividades, em centros culturais feitos pelas autarquias e que funcionam como sedes destes núcleos que têm o seu grupo de folclore, o grupo de cante, o grupo cultural. Antigamente estes núcleos faziam a sua festa de aniversário com um desfile de cante alentejano. Isso hoje já não chega e muitos deles fazem uma Semana do Alentejo em que, para além dos aspectos culturais, se promovem debates com especialistas sobre os problemas da região».

Para além destes núcleos da área metropolitana lisboense, existem comunidades de alentejanos no estrangeiro. Existe uma associação de emigrantes em Bruxelas que foi fundada por alentejanos, mui-

tos dos quais regressaram a Portugal logo a seguir ao 25 de Abril. Existe uma Casa do Alentejo no Luxemburgo, cujo principal dinamizador é o juiz da Comunidade Europeia Macaísta Malheiro, natural de Alcácer do Sal. Existe a Casa do Alentejo em Toronto, Canadá, cujo presidente da direcção, Armando Viegas, é o antigo presidente da assembleia geral, estiveram agora no Congresso, em Évora. E existe um núcleo de alentejanos em Santo André, na Califórnia.

«Em 1904, os «engajadores» da época levaram trezentos e tal casais de Vale de Vargo, Serpa, meteram-nos em barcos e, depois de várias peripécias, foram parar à Califórnia», contou Vítor Paquete, frisando que, por onde quer que andem, dificilmente os alentejanos se deixam aculturar. «Continuam a viver à maneira do Alentejo, a comer a sua açorda, a cantar, continuam a ir para a rua quando está sol sentando-se aqui ou ali. E em Lisboa, onde existem vinte e tal corais alentejanos, aparecem às vezes pessoas do Minho e até africanos que pedem para cantar no grupo. É um regalo vê-los muito afinadinhos a cantar alentejano».



## Editorial

# Atitude patriótica

O VII Congresso sobre o Alentejo caracterizou-se por uma participação superior a edições anteriores tanto no que respeita ao número de congressistas e comunicações como às actividades culturais que decorreram em Évora naqueles dias.

Merecem referência especial as iniciativas organizadas por sectores juvenis que na noite de sexta-feira encheram a Praça do Giraldo num espectáculo admirável de múltiplas facetas que prendeu as atenções durante algumas horas. Também o desfile de grupos corais vindo de todo o Alentejo e da zona da Grande Lisboa marcou o dia do encerramento.

Foram 62 os agrupamentos que quiseram dar a sua contribuição ao Congresso de forma desinteressada como que a responder a alguns sectores que se têm auto-excluído da participação por motivos meramente sectários.

Foi, de facto, uma jornada que dignificou o Alentejo e as suas gentes. O debate aberto, a discussão livre, o convívio franco e o cruzamento de posições diferentes proporcionaram à organização um conjunto de ideias novas sobre o futuro da região incluído, obviamente, nos resumos conclusivos apresentado no final do encontro.

O Congresso revelou mais uma vez que o Alentejo tem potencialidades naturais e humanas que podem e querem transformar a situação actual. As pistas apontadas indicam isto mesmo. E ficou evidente que este povo não precisa mais do que justiça no tratamento dos seus problemas.

Queiram agora, mesmo apesar do atraso, os responsáveis do governo debruçar-se sobre as medidas que se defendem. E darem-lhe aplicação prática, sem hesitações. É boa altura de se emendarem os erros cometidos ao longo de décadas que obrigaram às diásporas alentejanas e, consequentemente, a desertificação da região.

Está demonstrado que este povo sabe o que quer.

Vai, portanto, continuar a lutar pelos seus direitos. Fá-lo com consciência. Apresenta propostas e soluções. E exige, de uma vez para sempre, o respeito pela sua dignidade. Sem tibiezas. Porque o interesse regional que se reclama nada mais é do que um valioso contributo para o interesse nacional. É, sem sombra de dúvidas, uma atitude patriótica. ■

António Alexandre Raposo



O VII Congresso sobre o Alentejo conseguiu consensos alargados sobre as questões essenciais

Abílio Fernandes na sessão de encerramento:

## «Regionalização é urgente»

A regionalização e a reforma da estrutura agrária, com a criação da necessária reserva de água, foram exigências do VII Congresso sobre o Alentejo realizado em Évora. Por outras palavras, o mesmo é dizer que caem em pano roto as restantes conclusões tiradas no decorrer dos três dias de debate e discussão, se não forem dadas condições aos alentejanos para colocarem em prática as suas reivindicações.

A diáspora alentejana e os cenários de futuro incerto continuam a marcar pontos se as conclusões encontradas na região não encontrarem sustentação ao nível do poder central, traduzida em esforços conjuntos de combate ao que está mal e viabilização dos projectos de desenvolvimento.

“O Alentejo está a viver um momento de grande crise. Apesar de estarmos na Europa, apesar de termos recebido milhões de contos da Comunidade, apesar da vida democrática durante 20 anos, o Alentejo além da diáspora que o desertifica, possui um elevado índice de desemprego relativamente ao País tendo o dobro da média nacional”, referiu, na secção de encerramento, Abílio Fernandes, presidente da Câmara Municipal de Évora.

Para o autarca, a cooperação entre o poder central, o poder local e todas as organizações económicas, sociais e culturais é hoje mais do que nunca necessária e indispensável.

Este não pode ser apenas mais um congresso, mais um exemplo de boas intenções. Tem de ser um veículo de transformação das ideias em factos.

“Com uma gestão correcta dos recursos hídricos, energéticos e ambientais, dinamizando as reservas aquáticas previstas (Alqueva em especial), com uma política florestal adequada (montado de sobre e azinho), transformando as matérias primas existentes, promovendo vantagens específicas da região (vinho, cortiça, porco ibérico, ervas aromáticas, mel, queijos, etc), desenvolvendo o turismo, potenciando nas vertentes patrimonial, arquitectónica, cinegética e rural, complementando com produção animal (agro-indústria), - criando enfim, uma base económica regional de fileiras com capacidade real para competir, é possível desenvolver o Alentejo e contribuir para a economia nacional”, adiantou Abílio Fernandes, no discurso de encerramento.

Todo este plano deve ser acompanhado, acrescentou o autarca eborense, por uma investigação científica e tecnológica concertada e pela concretização da regionalização.

“Consideramos que para além do imperativo constitucional, que a regionalização representa, ela é necessária e urgente como instrumento de desenvolvimento. Por um lado, para que os assuntos específicos da região sejam entregues a órgãos eleitos e, por outro, porque esta medida reforçaria a participação dos cidadãos na vida pública. Permitiria a mobilização das nossas capacidades endógenas e recursos, um planeamento regional eficaz que asseguraria uma melhor captação de financiamentos e garantiria a subordinação dos organismos técnicos existentes na região, a órgãos eleitos, com reforço da autonomia

local», adinotou Abílio Fernandes.

### Programa cultural mobiliza cidadãos

Do programa cultural do Congresso, que mobilizou milhares de populares, entre os quais muitos jovens, contam-se exposições de fotografia sobre o Alentejo, o espectáculo de teatro “Eu Feuerbach”, de Tankred Dorst, pela Companhia do Centro Dramático de Évora com encenação de Fernando Mora Ramos, actividades realizadas no primeiro dia, 12.

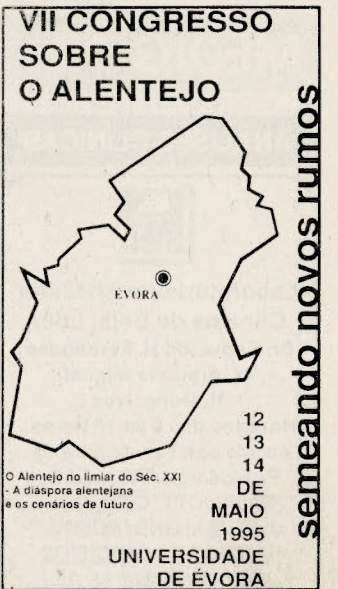
Fogo de artifício e desfile de bandas de música pelas ruas da cidade foram as acções culturais realizadas na noite de 13, com enchentes de gente pelas ruas.

No último dia, a sessão de encerramento foi precedida da entrega dos prémios aos premiados nos concursos de jornalismo e a Jovens pelo Alentejo”. De referir que o prémio de jornalismo foi arrecadado por António José Brito, jornalista da Rádio Castrense e colaborador de outras publicações, entre as quais o “DA”. O trabalho publicado na Imenso Sul, “Maio, maduro Maio”, sobre as minas de Aljustrel, valeu-lhe o prémio no valor pecuniário de 250 contos.

Longo a seguir à entrega dos prémios, a organização do Congresso prestou homenagem ao professor Galopim de Carvalho e evocou o maestro Lopes-Graça.

No Jardim das Canas actuaram diversos agrupamentos de música popular, entre os quais Vitorino e o grupo eborense de Nuno do O. ■

JG



O reconhecimento de uma identidade cultural própria, a necessidade da aceleração das obras de Alqueva na sua dimensão plena, a elaboração de um plano integrado de desenvolvimento, a definição de uma política de reestruturação da posse e uso da terra, uma nova filosofia industrial, o reforço das cidades médias, a eleição do turismo como componente importante da estratégia alentejana de desenvolvimento e a criação urgente das regiões administrativas como chave para a mobilização de meios e vontades foram as grandes questões em torno das quais o VII Congresso sobre o Alentejo alcançou consensos alargados